



MESA REDONDA

A BUSCA DA VERDADE COMO PROCESSO TERAPÊUTICO

“Toda ciência busca a verdade. A psicanálise é única por acreditar que a busca da verdade é, em si, um processo terapêutico.”

Melanie Klein

Para começar esse trabalho trago duas questões básicas para refletirmos:

QUAL O SENTIDO DA VERDADE NO PROCESSO TERAPÊUTICO?

O QUE QUEREMOS DIZER QUANDO FALAMOS EM VERDADE?

Historicamente na Psicanálise a verdade aparece com Freud, quando ele, ao trabalhar com suas pacientes histéricas, descobriu que elas falsificavam suas verdades por meio da linguagem simbólica dos sintomas conversivos e dos dissociativos. E ao final de sua obra ele diz que:

“a relação entre analista e paciente se baseia no amor à verdade – isto é, no reconhecimento da realidade – e isso exclui qualquer tipo de impostura ou engano.”

Mais tarde, Bion traz essa mesma preocupação e deu muita importância aos problemas da verdade, falsidade ou mentira que ocorrem no vínculo analítico, e diz:

“todo paciente e todo analista, em maior ou menor grau, fazem uso de mentiras.”

Fazem parte de nossa convivência as chamadas mentiras sociais que, como sabemos, são utilizadas sob diversas formas: desculpas dissimuladas, omissão, exagero, outras vezes para causar inveja aos outros.

O maior problema é que essas mentiras geralmente tornam-se incorporadas a quem as cria, e o criador passa a acreditar com convicção na sua versão da verdade.

Isto também acontece na clínica. Freud já destacava que as falsificações mentirosas faziam parte da operação de repressão; e que **“a repetição da mentira a tornaria uma verdade.”**

As falsificações realizadas são auto-enganadoras e formadas como mitos pessoais. O sujeito, e isso ocorre geralmente desde a infância, busca escapar das emoções difíceis em vez de enfrentá-las, ou seja, na linguagem de Bion esse processo está intimamente ligado ao da evasão do conhecimento das verdades (-K). Conseqüentemente, afeta a função do pensar.

Sabe-se que tudo isso ocorre no plano do inconsciente, por isso configura uma falsificação da verdade, diferente do conceito de mentira, porque na mentira predomina uma deliberação consciente ou pré-consciente.

Temos então uma diferença entre:

falsidade x mentira; e hipocrisia x cinismo

A hipocrisia indica uma superposição entre dois aspectos como se fossem sinônimos. Por exemplo, uma pessoa é muito rigorosa com seus funcionários no aspecto moral, mas na sua vida privada pratica exatamente aquilo que combate. Essa forma pode-se observar nas personalidades muito obsessivas. No cinismo predominam as pulsões sádico-masoquistas. Há uma intenção de finalidade.

FALSIFICAÇÕES **EVASÃO DO**
E → **CONHECIMENTO DAS** → **PENSAMENTO**
MENTIRAS **VERDADES (-K)**

A falsificação da verdade (diferente do conceito de mentira) se dá no plano inconsciente. A experiência da verdade estaria na junção de dois aspectos:

- 1 – idéias e realidade
- 2 – confronto com a realidade

Bion ressaltou a importância da verdade considerando-a essencial para o crescimento mental, cuja busca impõe a necessidade de estabelecer confrontos e correlações entre fatos passados e presentes; realidade e fantasia; verdades e mentiras; o que o sujeito faz, diz, e o que, de fato, ele é.

Ele não está voltado para a verdade na sua configuração moralística, mas, como mentira e verdade se relacionam e interagem entre si.

A dificuldade que o indivíduo apresenta em não querer tomar conhecimento das verdades penosas, as internas e as externas, propicia-lhe um ataque

automutilatório. Assim, ele ataca as verdades que não tolera, conforme está concebido como **não-conhecimento (-K)**.

Vou trazer-lhes uma narrativa de um encontro terapêutico para nossa discussão:

Um paciente, denominado João, traz à sessão que se percebe com frequência atraído por várias mulheres e sente vontade de manter relações sexuais com todas elas; entretanto, é casado. Acredita que essa liberdade que quer usufruir, também, por justiça, deve ser dada a sua esposa. Mas, essa possibilidade o incomoda, e, entre privar-se do prazer de estar com outras mulheres e aceitar que sua esposa viva a mesma situação, prefere tolher-se. Entretanto, gera-lhe um sentimento desagradável, porque, a cada vez que rejeita uma situação de se aproximar de outra mulher, reconhece seu casamento e sua esposa como um fardo, e torna-se irritado e angustiado durante alguns dias.

QUAIS POSIÇÕES PODERIAM SER TOMADAS?

- 1 – considerar passivamente a situação e aguardar que sua esposa se “acostumasse”;
- 2 - presumir que sua irritação tenderia a desaparecer, imaginando que isso poderia retratar uma fase de ajustamento;
- 3 - reconhecer uma manifestação de infantilidade, ou seja, suportar o conflito entre essas duas situações indesejáveis e incompatíveis;
- 4 - outras conjecturas.

Poderíamos questionar se o princípio de direito, o qual repousa o conflito de João, quer dizer, se os direitos dele deveriam ser os mesmos da esposa?

Partimos do consenso geral de que **VERDADE** é uma proposição abstrata. Mas não podemos desconsiderar que essa igualdade de direitos assenta-se em um princípio bastante significativo e forte, e que, enquanto consenso, é abstrato, genérico e uniforme. Portanto, não diz respeito a ninguém enquanto particular. Mas o que ocorreu com João foi exatamente o questionamento desse princípio de direito.

Assim, algumas perguntas foram dirigidas a ele pelo analista:

- de onde ele tirou a idéia que deveria conferir à esposa os mesmos direitos que reconhecia para si?
- de onde a necessidade, mesmo reconhecendo esse princípio como correto, de segui-lo na prática?

Momentaneamente essas questões o deixaram chocado. Ele via tão claramente esse princípio de direito que era absurdo levantar dúvida ou discussão.

Havia, entretanto, uma relação de confiança entre paciente e analista, e João compreendeu que não era uma demanda de argumento e contra-argumento, mas uma consideração mesmo do princípio de igualdade de direitos.

João começou a analisar as características gerais do homem, da sexualidade, da sociedade, da história, dos valores morais e o da vivência pessoal, da sua própria experiência, daquilo que sendo pessoal e particular respondia neste âmbito às questões propostas.

Nessa perspectiva, João viu ruir o princípio que antes o fundamentara. Racionalmente parecia-lhe absurdo negar esta **VERDADE** da igualdade de direitos entre marido e mulher, mas ele passou a se perceber no plano da experiência, como diferente de sua esposa em muitos sentidos, inclusive no modo de vivenciar a própria sexualidade.

Apesar de arruinado o princípio de direito, a situação não ficou resolvida. Ele tinha uma sensação de desconforto, como se ainda alguma coisa faltasse.

E faltava.

Na sessão seguinte ele retoma o problema. Como é uma nova sessão, é um novo João, e por isso sua abordagem é diferente. Não era mais conter-se na sua infidelidade pela ameaça de também ser traído sem poder reclamar, surgia outra perspectiva: ele **DES-COBRIU** que uma possível ligação com outra mulher ofendia realmente sua companheira. Ele pôde olhar mais de perto para ela e foi **DES-COBRINDO** quantos sentimentos conflitantes e dolorosos uma traição evocaria nela e a repercussão deles em si mesmo.

Foi tomando **CONHECIMENTO** dos seus sentimentos que foi reformulando o problema. Não era mais se privar de uma relação com outra mulher, tratava-se de perceber com nitidez o seu próprio sentido, os sentimentos mais significativos para ele, ou seja, oferecer a si mesmo e à pessoa com quem convive a **CLAREZA** da presença dela em sua vida.

A sua relação não era mais o assentado, o ditado por princípios e leis, não era uma questão de justiça, não era o acabado, era o permanentemente retomado e renovado num porvir constante, uma questão de presença efetiva e real, até mesmo nos momentos de fascinação por outras mulheres.

Nem sempre será assim.

Nesse exemplo o **DESVELAMENTO** parece ter **RESOLVIDO** o problema. Sendo que **DESVELAR** e **RESOLVER** têm sentidos diferentes e independentes. **Resolver** pode ter um sentido de mudar pela manipulação; embora também possa significar clareza de propósito, firmeza, como características de um modo de ser de alguém; e **desvelar** tem o sentido de **compreensão**. Mas, se a finalidade da terapia é a resolução no que diz respeito à pessoa e não ao problema, podemos entender resolução como amplitude

disponível à realização do desdobrar da própria existência. Neste sentido nem a **VERDADE** nem a **RESOLUÇÃO** assumem o caráter do definitivo.

A verdade é sempre um “não-saber”. É saber que você não sabe.

A verdade no processo terapêutico é apenas o que se mostra **DESVELADO**, o que se apresenta claro e simples na abertura que é o homem. Não é aquilo que a avaliação racional apóia a partir da lógica, da demonstração e da verificação.

O caminho para a verdade é infinito e as questões se apresentam a quem as busca como processo de terapia, de autoconhecimento, de cura, a fim de alcançar o encontro consigo mesmo. Esse percurso é feito à medida que se caminha.

A verdade se mostra multifacetada, oscilando entre a procura e o encontro, entre a subjetividade e a existência real.

Nas várias facetas da verdade ela é abordada como **coerência, alethéia, consenso simbólico, não-esquecimento, desnudamento, e de acordo com Ó.**

Verdade como coerência →

PENSAMENTO

Verdade como correspondência →

CONHECIMENTO

Verdade como consenso simbólico →

**COMUNICAÇÃO ENTRE OS
SUJEITOS HUMANOS**

Verdade como alétheia →

**SITUAÇÃO PSICANALÍTICA E
COMUNICAÇÃO NO NÍVEL ICS**

A etimologia da palavra **ALÉTHEIA** em grego significa **VERDADE** e ao pé da letra **não esquecimento**. Isto é, conservar alguma coisa presente na memória, não a deixando cair no “lago do esquecimento.”

Heidegger dá outro sentido traduzindo alétheia por **DESVELAMENTO – desvelar = desencobrir = descobrir.**

Verdade como **DESVELAMENTO** tem um aspecto essencial à clínica da verdade como verificação psicanalítica. **VERIFICAÇÃO** significa fazer a **VERDADE.**

Uma frase de Bion:

"O pensamento verdadeiro não requer formulação e nem um pensador. A mentira requer um pensador e uma mente hospedeira."

O que ele quer dizer é que o pensamento precede ao pensador, enquanto o mentiroso precede às mentiras.

A TERAPIA DA VERDADE resulta: - ou ódio, ataque e fuga da realidade

↓

TOLERÂNCIA À FRUSTRAÇÃO - ou modificação da realidade frustrante e do sujeito frustrado

↓

DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO

↓

→ **AÇÃO TRANSFORMADORA DA REALIDADE**

Bion nos fala da verdade como alimento da mente.

“A VERDADE é que nos liberta.” Ele acrescenta:

“**VERDADE SEM AMOR É CRUELDADE. AMOR SEM VERDADE É MERA PAIXÃO.**” (não a paixão como culturalmente na modernidade é tratada, superficial, passageira).

O que quer dizer: a verdade quando é usada como ameaça: “dizer a verdade doa a quem doer”; ou “vou lhe dizer umas verdades” - não há aqui nenhuma conotação do amor à verdade, não é esta a verdade que liberta. **Verdade e amor são indissociáveis, um sem o outro fica desvirtuado.**

O interesse de Bion em relação à verdade não está voltado para a configuração moralística como habitualmente é considerada no senso popular, nem como oposição entre a verdade e a mentira, mas, como se relacionam e interagem entre si, ou seja, a mentira pode ser uma das múltiplas faces da verdade, a expressão de uma verdade em outro nível, ou ainda a verdade de um determinado momento na situação analítica.

Freud recomendava aos psicanalistas que buscassem capturar um pedaço da verdade com uma isca de falsidade.

As afirmações do paciente são mentiras? O termo mentira é o mais apropriado? O que o paciente inventa e o que ele transforma em invenção? Como algumas afirmações do paciente diferem de outras falsas afirmações?

Toda psicanálise é uma questão da **VERDADE**.

O que é verdadeiro em cada caso? Analista coerente para tratar da incoerência do paciente, capaz de perceber e mostrar-lhe sua incoerência.

Ao final de uma análise deverá haver uma integração do objeto e do sujeito, sinalizando **uma experiência da VERDADE**.

“Tornamo-nos verdadeiros na procura da verdade.”

Freud dizia: “o mentiroso não pode ser analisado, porque o verdadeiro mentiroso sabe que está mentindo, e a única cura para a mentira consiste em o mentiroso dizer a verdade. Enquanto não disser, continuará mentiroso e como tal ficará fora do processo analítico.”

Melanie Klein também resistia, diziam ter ouvido dela que os mentirosos seriam impossíveis de analisar.

O melhor alimento para a comunicação é a **VERDADE** – que vai gerar **CRIATIVIDADE (possibilidade de novas descobertas)** - e propiciar a **EXPANSÃO DO UNIVERSO MENTAL**.

Assim como na vida percorremos o caminho em busca de verdade, na análise a busca da verdade de cada um se personaliza no caminho que percorre. A análise é uma clínica da verdade como questão e como problema. Um pouco de verdade que se possa conseguir na análise é mais importante do que tudo o mais.

Analista e analisando de acordo com “O”, dinamicamente, em direção a “O”. O que significa em direção a “O”? “O” é o incognoscível, o desconhecido. A busca da **VERDADE** última, absoluta, a divindade, que nunca a alcançaremos, porque pode ser um vir-a-ser, mas não pode ser conhecido.

Maria Betânia Araújo
Psicanalista Clínica
betânia@odebrecht.com

BIBLIOGRAFIA

MATOS, Antonio Coimbra. *Vária. Existo Porque Fui Amado*. Lisboa: Climepsi, 2007.

POMPÉIA, J. A. *Psicoterapia e Verdade*. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DASEINSANALYSE. 1997.

QUINODOZ, Jean-Michel. Ler Freud. Guia de Leitura da Obra de S. Freud. Ed. Artmed 2007. Porto Alegre-RS

REZENDE, Antonio Muniz de. A Questão da Verdade na Investigação Psicanalítica.

ZIMERMAN, E. DAVID. Fundamentos Psicanalíticos.